



Circulação das Plantas nos Jardins: uma experiência didática na pós-graduação

Plant Circulation in Gardens: a didactic experience in postgraduate studies

Circulación de Plantas en Jardines: una experiencia docente en estudios de posgrado

Marta Enokibara

Professora Doutora, UNESP, Brasil.

marta.enokibara@unesp.br

Sofia Silva Agustinho

Arquiteta e Urbanista, mestranda, UNESP, Brasil.

sofia.agustinho@unesp.br

Daniel Candeloro Ferrari

Arquiteto e Urbanista, mestre pela UNESP, Brasil.

dcanferrari@gmail.com

Fernando Rafael Dainese

Arquiteto e Urbanista, UNESP, Brasil.

fernando@tavoradainese.com.br

Márcio Henrique Gomes dos Santos

Engenheiro Florestal, UNESP, Brasil.

florestaurbanaviveiro@gmail.com



RESUMO

O artigo tem como objetivo relatar a experiência didática e os produtos oriundos da disciplina optativa “Circulação das Plantas nos Jardins”, oferecida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus na cidade de Bauru. A disciplina visa ilustrar a origem de determinadas plantas, como chegaram em nosso país e foram disseminadas nos parques, jardins e na arborização urbana de algumas capitais, bem como em cidades do interior paulista. Metodologicamente a disciplina é dividida em três partes: a apresentação do referencial teórico, os estudos de caso e a viagem didática. A viagem tem o objetivo de ilustrar o conteúdo teórico e complementar o trabalho da espécie a ser estudada pelo aluno. Ao final da disciplina, o trabalho gerado, em formato de “folder”, é organizado em uma exposição na biblioteca do câmpus. A intenção dos produtos gerados é que os alunos e as pessoas no geral possam reconhecer, nas cidades, na atualidade, algumas espécies de árvores e palmeiras emblemáticas que fizeram parte dos primeiros jardins, hortos e jardins botânicos do Brasil, bem como de plantios sistemáticos de arborização urbana viária, principalmente a partir de meados do século XIX na Europa e início do século XX no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: patrimônio paisagístico, ensino de paisagismo, arborização urbana, jardins históricos.

ABSTRACT

This article aims to report the didactic experience and the products arising from the optional subject “Circulation of Plants in Gardens”, offered in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at the Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus in the city of Bauru. The subject aims to illustrate the origin of certain plants, how they arrived in our country and were disseminated in parks, gardens and in the urban afforestation of some capitals, as well as in cities in the interior of São Paulo. Methodologically, the course is divided into three parts: the presentation of the theoretical framework, the case studies and the didactic trip. The trip aims to illustrate the theoretical content and complement the work of the species to be studied by the student. At the end of the course, the work generated, in “folder” format, is organized into an exhibition in the campus library. The intention of the products generated is that students and people in general can recognize, in cities today, some species of emblematic trees and palms that were part of the first gardens, vegetable gardens and botanical gardens in Brazil, as well as systematic plantings of urban road afforestation mainly from the mid-19th century in Europe and the beginning of the 20th century in Brazil.

KEYWORDS : landscape heritage, landscaping teaching, urban afforestation, historic gardens.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo relatar la experiencia docente y los productos derivados de la materia optativa “Circulación de Plantas en Jardines”, ofrecida en el Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Estadual Paulista (Unesp), campus de la ciudad de Bauru. El tema tiene como objetivo ilustrar el origen de ciertas plantas, cómo llegaron a nuestro país y se difundieron en parques, jardines y árboles urbanos de algunas capitales, así como en ciudades del interior de São Paulo. Metodológicamente, el curso se divide en tres partes: la presentación del marco teórico, los estudios de caso y el viaje didáctico. El viaje tiene como objetivo ilustrar el contenido teórico y complementar el trabajo de las especies a estudiar por el alumno. Al final del curso, el trabajo generado, en formato “folder”, se organiza en una exposición en la biblioteca del campus. La intención de los productos generados es que estudiantes y público en general puedan reconocer, en las ciudades de hoy, algunas especies de árboles y palmeras emblemáticas que formaron parte de los primeros jardines, huertas y jardines botánicos de Brasil, así como plantaciones sistemáticas de plantas urbanas de forestación de caminos principalmente desde mediados del siglo XIX en Europa y principios del siglo XX en Brasil.

PALABRAS CLAVE: patrimonio paisajístico, enseñanza del paisajismo, forestación urbana, jardines históricos.



1 INTRODUÇÃO

A disciplina “Circulação das Plantas nos Jardins” é oferecida como disciplina optativa no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus na cidade de Bauru, estado de São Paulo, sob responsabilidade da Profa. Dra. Marta Enokibara. Tem periodicidade variável em função da quantidade de disciplinas disponibilizadas no Programa no semestre.

A disciplina é um desdobramento dos resultados de pesquisa e outras orientações subsequentes conduzidas a partir da participação de uma equipe de professores da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Bauru, no subtema 3 “Saberres técnicos e teóricos na configuração e reconfiguração das cidades formadas com a abertura de zonas pioneiras no Oeste do estado de São Paulo”. Este subtema estava inserido no Projeto Temático “Saberres eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX”, ocorrido no período de 2006 a 2011, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).

Na equipe de professores da Unesp, a investigação centrou-se no estudo de algumas cidades configuradas e reconfiguradas ao longo dos quatro ramais ferroviários (ferrovias Araraquarense, Noroeste, Paulista e Sorocabana) que ensejaram a ocupação da porção oeste do estado de São Paulo, na região do planalto ocidental paulista, mais conhecido como “oeste paulista” (Retto Jr; Enokibara; Constantino, 2012; Retto Jr; Enokibara, 2012). O recorte temporal da pesquisa foi do final do século XIX até meados do século XX. O estudo pioneiro nessa região foi feito pelo geógrafo francês Pierre Monbeig na década de 1940, que mencionou, em seu clássico livro “Pioneiros e fazendeiros no estado de São Paulo” (Monbeig, 1984), a dificuldade dos estudos sobre as cidades nessa região frente à escassez de documentação, incluindo plantas e mapas das cidades. Esse foi justamente o enfoque da equipe da Unesp-Bauru, procurando dar continuidade à pesquisa de Monbeig.

O tema sobre praças e jardins enfrentou uma grande dificuldade logo no início da pesquisa. A escassez de documentação, mencionada por Monbeig na década de 1940, continuava em 2006. Raríssimos foram os autores, plantas de projetos de praças e jardins encontrados, assim como a especificação de espécies. Foi necessária, assim, a definição de algumas estratégias visando conduzir a pesquisa. Primeiramente, quanto a área de estudo, o enfoque recaiu no levantamento e análise das praças e jardins inseridos na área do patrimônio original ou traçado urbano original das 29 cidades estudadas, criando, assim, um universo comparativo de análise. O grupo de bolsistas de iniciação científica envolvidos realizou levantamentos de campo, de fotografias de época, cartografias, atas da câmara municipal, plantas do traçado urbano original da cidade ou da delimitação da área do patrimônio doado, visando reconstituir a localização e o desenho aproximado dessas praças e jardins. Mas dois itens foram particularmente difíceis de encontrar informações: os profissionais envolvidos nestes projetos e as espécies vegetais utilizadas. Esses itens estimularam uma série de pesquisas pontuais que perduraram mesmo após a finalização do projeto temático, tendo investigações



até os dias atuais.

Quanto aos profissionais envolvidos, foram realizadas investigações sobre instituições de ensino e pesquisa como o curso de Engenheiros Agrônomos da Escola Politécnica (que existiu de 1896 a 1911) (Siguemoto, 2011) e a Escola Técnica Agrícola Luiz de Queiroz (futura Esalq) (Moryama, 2011). O interesse em estudar essas duas instituições recaia na hipótese de que alguns dos professores ou profissionais formados nestas instituições, poderiam estar entre os autores ou colaboradores dessas praças e jardins. Neste período, também foi iniciada a pesquisa sobre a firma Dierberger & Cia, cuja documentação estava disponível, na época, no arquivo da família na Fazenda Citra, localizada na cidade de Limeira. A firma, fundada em 1893 na capital paulista pelo patriarca, João Dierberger, era originalmente denominada Estabelecimento Floricultura, e foi uma das mais importantes firmas de produção e comercialização de plantas no estado de São Paulo (Enokibara, 2016a; Machado, 2009). A firma também publicou diversos catálogos de plantas, que igualmente já foram, em parte, objeto de estudo (Oliveira, 2019; Antonini, 2019). Reynaldo Dierberger, um de seus filhos, foi autor de centenas de projetos de jardins na capital (Savio, 2020; Santos, 2020), no interior (Silva; Angélico; Seawright; Enokibara, 2022; Silva, 2021; Gomes, 2021; Silva; Enokibara, 2020) e em outros estados, que também vem sendo objeto de estudo até os dias atuais¹.

Em relação às espécies vegetais, a descoberta do material relativo ao Serviço de Distribuição de Mudas e Sementes (SDMS), do governo do estado de São Paulo, foi de crucial importância, pois trata-se de documentação manuscrita que descreve a solicitação de mudas ao Instituto Agronômico de Campinas, feita por solicitantes públicos e privados, com a descrição da cidade, data, quantidade e especificação de mudas, além da ferrovia por onde as mudas seriam encaminhadas. Esse extenso material foi sistematizado por diversas bolsistas (Romero, 2012; Modesto, 2012; Yendo, 2011; Zechinato, 2008) e posteriormente alvo de análise detalhada no mestrado de Laís Bim Romero (Romero, 2019), que conseguiu aferir, entre outros, a rede de campos de cultura e ensaios do SDMS em todo estado.

Outra instituição que participou na produção e distribuição de mudas do SDMS foi o Horto Botânico de São Paulo (mais conhecido como Horto Botânico da Cantareira e atual Parque Estadual Alberto Löfgren). Infelizmente não foi encontrada a documentação relativa às cartas de solicitação de mudas desta instituição. Uma publicação de 1906 de seu fundador e diretor, o botânico sueco Albert Löfgren, relativo às espécies ensaiadas tanto no Horto Botânico como no Instituto Agronômico, procurou suprir essa lacuna (Gonçalves, 2014; Löfgren, 1906).

Outro material fundamental foi a tese de Eliane Guaraldo, relativa ao repertório vegetal utilizado na arborização urbana (incluindo a arborização viária e de parques e jardins) na capital paulista, analisando o período de 1899 a 1927 (Guaraldo, 2002; 2020). As praças e jardins da capital paulista foram alvo de remodelações no início do século XX e um extenso programa de arborização viária foi implementado. Teria a capital influenciado no repertório vegetal e paisagístico do que foi utilizado nas cidades do oeste paulista? Por outro lado, teria São Paulo

¹ Parte deste material foi apresentado no I Simpósio Reynaldo Dierberger e a firma Dierberger & Cia, promovido pelo PPGARQ em parceria com a UFRRJ e Instituto AME Cultura de Belo Horizonte, no período de 28 a 29.06.2023. As apresentações estão sendo organizadas para futura publicação.



tido a influência da capital da federação? Em meados do século XIX, o Rio de Janeiro teve a criação e remodelação de jardins pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, que introduziu não só o “jardim paisagístico francês” (Dourado, 2011) em voga na Paris da gestão do prefeito Eugène Haussmann (1853-1870), como também inseriu novas plantas (exóticas e nativas) e toda sorte de ornamentação, principalmente da Fundição Val d’Osne, que contemporaneamente estava sendo fornecida a Paris. Essas plantas ou referências de jardins chegaram a São Paulo e ao interior?

O relato desse conjunto de pesquisas foi necessário pois elas definem o conteúdo da disciplina “Circulação das Plantas nos Jardins” e são fontes de consulta para o trabalho a ser desenvolvido na disciplina, onde cada aluno estuda uma determinada espécie, identificando o país de origem e sua difusão nos jardins e na arborização urbana das capitais (Rio de Janeiro e São Paulo), bem como no interior paulista.

2 OBJETIVOS

O objetivo da disciplina e do trabalho a ser desenvolvido pelos alunos, visa reconhecer, nas cidades, algumas espécies de árvores e palmeiras emblemáticas que fizeram parte dos primeiros plantios sistemáticos de arborização urbana viária, principalmente a partir de meados do século XIX na Europa e início do século XX no Brasil, bem como aferir sua presença em alguns jardins históricos, hortos e jardins botânicos. Almeja, portanto, que os alunos possam reconhecer que muitas plantas utilizadas contemporaneamente, foram introduzidas há muito tempo, e foram ou são representativas de hábitos, costumes e culturas diversas.

3 METODOLOGIA

3.1 O conteúdo da disciplina “Circulação das plantas nos jardins”

A disciplina está estruturada em três partes. Inicia apresentando alguns dos primeiros viajantes-naturalistas que vieram ao Brasil no início do século XIX para identificar nossa flora, como os naturalistas alemães Johann Baptist Spix e Carl Friedrich Philipp Martius (de 1817 a 1820) e o naturalista francês Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (de 1816 a 1822). Na sequência, aborda uma segunda geração de naturalistas, botânicos e paisagistas que vieram e permaneceram no Brasil a partir de meados do século XIX, como Albert Löfgren, Hermann von Ihering e Auguste François Marie Glaziou. Estes fundaram hortos ou trouxeram plantas e referências paisagísticas para nossos jardins (Enokibara, 2016b). Posteriormente é apresentada uma terceira geração de botânicos brasileiros formados no exterior ou autodidatas do início do século XX, que também se ocuparam em identificar e divulgar nossa flora, como Frederico Carlos Hoehne (Tiseo, 2023). Também são apresentadas algumas instituições de ensino, pesquisa e firmas do período, bem como o repertório vegetal que foi ensaiado e distribuído, como foi o caso do SDMS do governo do estado de São Paulo (Romero, 2019; Romero; Enokibara, 2018a; 2018b). Dentre as firmas, analisa-se a atuação da firma Dierberger & Cia, bem como o repertório vegetal empregado pela municipalidade em São Paulo, capital, no



início do século XX (Guaraldo, 2002; 2022).

A partir destas informações históricas, na segunda parte da disciplina, são apresentados estudos de caso, onde é discutida a inserção de algumas plantas representativas, identificando sua origem e sua utilização no país de origem, alguns dos primeiros registros no Brasil, sua aplicação nos jardins e na arborização urbana das capitais e também no interior do estado de São Paulo.

A terceira parte, optativa, é a viagem de estudos, que é realizada, quando possível, a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, visando aferir o conteúdo teórico e a complementação de imagens e informações sobre as espécies a serem estudadas pelos alunos. O Rio de Janeiro é particularmente especial por termos, ainda, jardins representativos do período colonial, imperial, república, bem como jardins modernos e contemporâneos.

3.2 As espécies a serem estudadas

As espécies a serem estudadas pelos alunos são previamente selecionadas pela professora responsável pela disciplina. São selecionadas espécies que estiveram presentes nos jardins e hortos botânicos ou na arborização urbana viária utilizadas na Europa, demais continentes ou Brasil, em meados do século XIX às primeiras décadas do século XX. Em 2018 foram estudadas a Palmeira imperial (*Roystonea oleracea*), Erva mate (*Ilex paraguariensis*), Jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*), Baobá (*Adansonia digitata*) e Cipreste italiano (*Cupressus sempervirens*). No ano de 2020 foram estudadas o Plátano (*Platanus orientalis*), Araucária ou Pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*), Mangueira (*Mangifera indica*), Alfeneiro do Japão ou Ligusto do Japão (*Ligustrum japonicum*), Figueira asiática ou Árvore que anda (*Ficus microcarpa*), Quaresmeira (*Tibouchina granulosa*), Ipê amarelo (*Handroanthus chrysotrichus*), Pau brasil (*Paubrasilia echinata*) e Tipuana (*Tipuana tipu*). No ano de 2023 foram estudadas o Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), Coqueiro (*Cocos nucifera*), Palmeira das canárias ou Palmeira Fênix (*Phoenix canariensis*), Magnólia (*Magnolia grandiflora*), Paineira (*Ceiba speciosa*), Ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*) e Jacarandá mimoso (*Jacaranda mimosifolia*). No ano de 2024 estão sendo estudadas Pau brasil (*Paubrasilia echinata*), Café (*Coffea arabica*), Cravo (*Syzygium aromaticum*), Canela (*Cinnamomum verum*), Vitória-régia (*Victoria amazonica*) e Árvore do viajante (*Ravenala madagascariensis*). No total já foram estudadas (2018, 2020 e 2023) ou estão em estudo (2024), 27 espécies.

Os trabalhos são desenvolvidos em dupla ou individual. Geralmente, como são turmas interdisciplinares, procura-se associar formações distintas. Neste ano de 2024, por exemplo, metade da turma são de arquitetos e urbanistas e outra metade são biólogos. Assim, os trabalhos serão em dupla de áreas distintas, visando enriquecer as informações oriundas das diferentes especialidades de formação.

3.3 Metodologia para a elaboração dos folders

Os folders seguem um padrão determinado a partir dos primeiros elaborados em 2018, pois a intenção é futuramente poder reuni-los em uma publicação. São elaborados em formato



A3, dobrado em 4 partes, impresso na frente e no verso. Trazem informações essenciais como o nome científico e popular da espécie a ser investigada, sua localização no mapa mundi no país de origem, características botânicas e informações, quando encontradas, sobre o autor que descreveu inicialmente a espécie. A abordagem segue a trajetória da espécie desde o país de origem até as capitais do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) e o interior paulista.

O conteúdo teórico da disciplina, somado ao conjunto de dados sistematizados nas pesquisas desenvolvidas, visa dar suporte para a estrutura do trabalho, que deve ser complementado com pesquisa bibliográfica em arquivos, livros, artigos e teses. A penúltima parte do folder é destinada, quando for o caso, a “curiosidades”, pois algumas espécies são representativas de hábitos, costumes e culturas diversas. A última parte do folder é destinada às referências bibliográficas das imagens e textos.

4. RESULTADOS

4.1 Os Folders

Serão aqui apresentados e discutidos 3 folders, que retratam arcos temporais distintos. A primeira espécie é a Palmeira imperial (*Roystonea oleracea*). Palmeira exótica, símbolo do período imperial, doada ao imperador em 1809 e que será disseminada principalmente no período subsequente, a república. A segunda espécie é sobre o Plátano (*Platanus orientalis*), espécie exótica e largamente utilizada na arborização dos *boulevards* parisienses na gestão do prefeito Eugène Haussmann (1853-1870) e presente massivamente nesta cidade até os dias atuais. Assim como todos os países tiveram o anseio de se “espelhar” na Paris de meados do século XIX, no Brasil, como veremos, não foi diferente.

A terceira espécie é o Ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*), espécie nativa, já referente a um período (primeiras décadas do século XX), onde se acentuou a valorização dos produtos nacionais, incluindo a vegetação.

4.1.1. Folder sobre a Palmeira imperial (*Roystonea oleracea*)

O folder da Palmeira Imperial foi elaborado em 2018 por Daniel Candeloro Ferrari. O folder inicia com a nomenclatura popular e científica, bem como características botânicas da espécie. Na sequência, apresenta sua inserção no país de origem até as grandes capitais de estados no Brasil e, por fim, no interior paulista (Figura 1). A *Roystonea oleracea* é uma espécie exótica, originária da região das Antilhas, e transformou-se em uma espécie emblemática no Brasil por marcar a paisagem com seu imponente porte físico, que pode chegar a 50m (Instituto de Pesquisa do Jardim Botânico do Rio de Janeiro). Os jardins históricos abordados no folder com a presença desta palmeira foram: o Jardim Botânico *La Pamplemousse* (Ilhas Maurício), o Jardim Botânico e o Passeio Público (Rio de Janeiro), a Praça Ramos de Azevedo (São Paulo) e a Praça Carlos Gomes (Campinas).

No Jardim Botânico *La Pamplemousse*, nas Ilhas Maurício, ocorreu a aclimatação da espécie após sua primeira passagem pelo Jardim Botânico *La Gabrielle* da Guiana Francesa



(Dean, 1996). As sementes da palmeira vieram juntamente com outras especiarias que eram cobiçadas na época (como cravo e canela) e foram trazidas ao Rio de Janeiro pelo oficial português Luiz d'Abreu, em 1809, que as presenteou ao rei D. João VI. A Palmeira imperial recebeu esse nome por ser de exclusividade do rei e, segundo referências, foi por ele plantada no Jardim Botânico (Araújo; Silva, 2010). Recebeu o título de "Palma Mater" porque todas as palmeiras no Brasil são descendentes dela (D'Elboux, 2006). A principal aleia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com 740 metros de extensão, contém 137 palmeiras imperiais, todas descendentes da Palma Mater. Tem início no portão principal e se estende até a fachada da antiga Escola de Belas Artes, que foi reconstruída no local (Figura 1).

Outro projeto onde constam Palmeiras imperiais é o Passeio Público. Este foi o primeiro espaço livre público projetado para se integrar urbanisticamente à cidade e foi uma inovação ao destacar os atributos paisagísticos da Baía da Guanabara e contribuir para a identidade urbana carioca. O projeto foi idealizado por Mestre Valentim em 1783 e reformulado por Auguste Marie François Glaziou em 1862 (Schlee, 2006) (Figura 1).

Em São Paulo, a Palmeira imperial marcou sua presença na Praça Ramos de Azevedo, localizada no centro de São Paulo e contígua ao Teatro Municipal, inaugurado em 1911, projetado pelo escritório do engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo. Originalmente conhecida como Esplanada do Teatro, a praça apresenta dois caminhos principais que conformam um arco ao redor do teatro, realçando sua imponência. Ao longo desse arco, foram plantadas Palmeiras imperiais que, junto com o teatro, se tornaram um dos principais cartões postais da cidade na época (D'Elboux, 2015) (Figura 2).

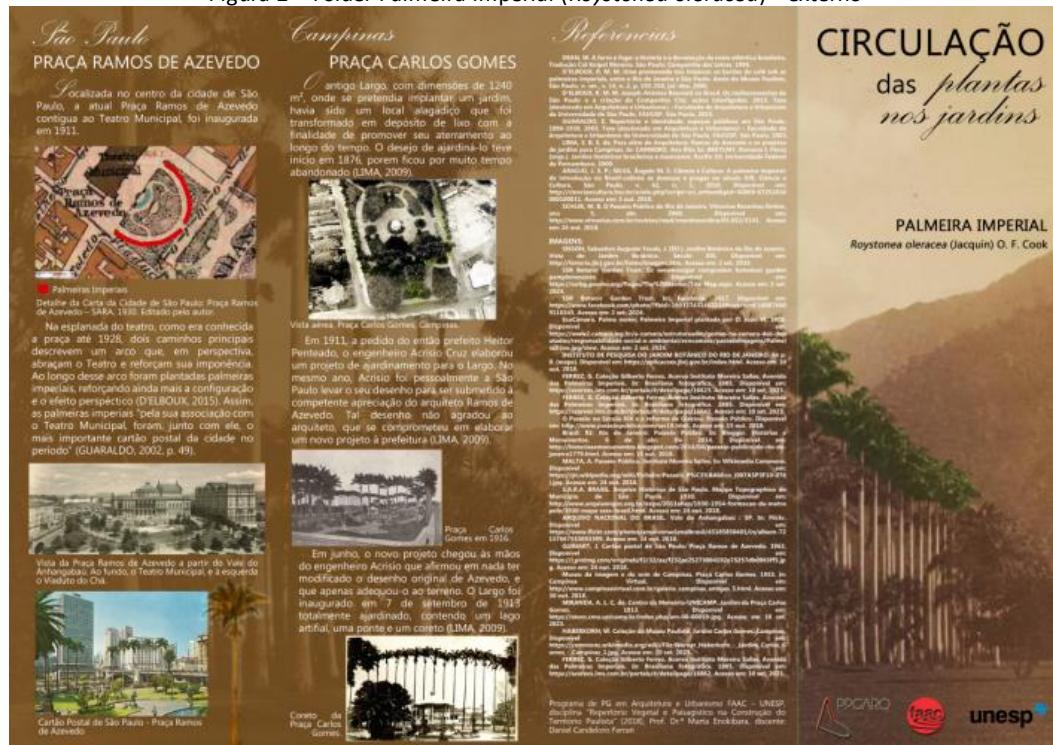
No interior paulista, na cidade de Campinas, a Praça Carlos Gomes, projetada por Ramos de Azevedo, também receberá Palmeiras imperiais no mesmo ano do Teatro Municipal de São Paulo (Figura 2). O local começou a ser ajardinado em 1876, mas ficou abandonado por anos. Em 1911, o prefeito Heitor Penteado solicitou ao engenheiro Acrísio Paes Cruz um projeto de ajardinamento. Acrísio apresentou o projeto a Ramos de Azevedo que o rejeitou, elaborando nova proposta com uma extensa aleia de Palmeiras imperiais perimetrais, muitas presentes até a atualidade. O Largo foi inaugurado em 7 de setembro de 1913, com um lago artificial, uma ponte e um coreto (Lima, 2009). O coreto será um dos elementos característicos das praças e jardins no oeste paulista (Enokibara, 2022).

Figura 1 – Folder da Palmeira imperial (*Roystonea oleracea*) - interno



Fonte: Ferrari (2018).

Figura 2 – Folder Palmeira imperial (*Roystonea oleracea*) - externo



Fonte: Ferrari (2018).



4.1.2 Folder sobre o Plátano (*Platanus orientalis*)

O folder referente ao Plátano foi elaborado em 2020 por Fernando Dainese e Márcio Gomes dos Santos. O folder inicia, tal qual o anterior, com a nomenclatura popular e científica, bem como características botânicas da espécie. Segundo Guaraldo (2020), “a descoberta da existência ancestral [do Plátano] na Europa, conduz a questões de identidade cultural. Identidade que talvez tenha levado a espécie a ser uma das principais escolhidas por Alphand para adornar os novos boulevards de Paris, desenhados no último terço do século XIX”. De fato, o Plátano foi e é ainda muito representativo nos *boulevards* de Paris e procurou-se aclimatá-lo em outras partes do globo, inclusive em São Paulo, na gestão do primeiro prefeito, Antônio da Silva Prado, no início do século XX. Em sua gestão, as árvores, consideradas símbolos de modernidade, higiene e embelezamento, foram extensamente empregadas juntamente aos serviços de alinhamento das vias.

Na Praça da República, retratada no “Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz”, elaborado pelo botânico suíço Alfred Usteri (1919), professor de botânica do Curso de Engenheiros Agrônomos da Escola Politécnica (Enokibara, 2022), o Plátano comparece em todo seu perímetro e acentuando uma das entradas na diagonal (Figura 3).

Ainda segundo Guaraldo (2002), o Plátano deixa de ser utilizado em 1911 por problemas fitossanitários, mas, mesmo assim, continuou sendo distribuído pelo SDMS para o interior do estado de São Paulo. Através da pesquisa de Romero (2019), foram identificadas mais de 50 cidades que receberam o Plátano no período de 1909 a 1912 (Figura 4).

Atualmente, alguns exemplares foram localizados nas cidades do interior paulista na arborização urbana viária, em cidades como Botucatu e Jaú. Mas é a cidade de Campos do Jordão, de clima mais ameno, que o Plátano se faz mais presente. De acordo com Andrade (2002), quase 60% das árvores no sistema viário desta cidade são constituídas por Plátanos (Figura 4).

No item “Curiosidades”, duas informações chamam a atenção. No site “Les Arbres – Paris Data” são encontradas as árvores cadastradas da cidade de Paris. De acordo com o levantamento arbóreo disponibilizado pela prefeitura, os Plátanos correspondem a 20,81% de todas as árvores em logradouros públicos da cidade. Ao todo, são 42.568 Plátanos num total de 204.554 árvores (Prefeitura de Paris). Outra curiosidade diz respeito à sua folha. O símbolo da Bandeira do Canadá contém uma folha que se parece com o Plátano, mas trata-se do gênero Acer (Figura 4).



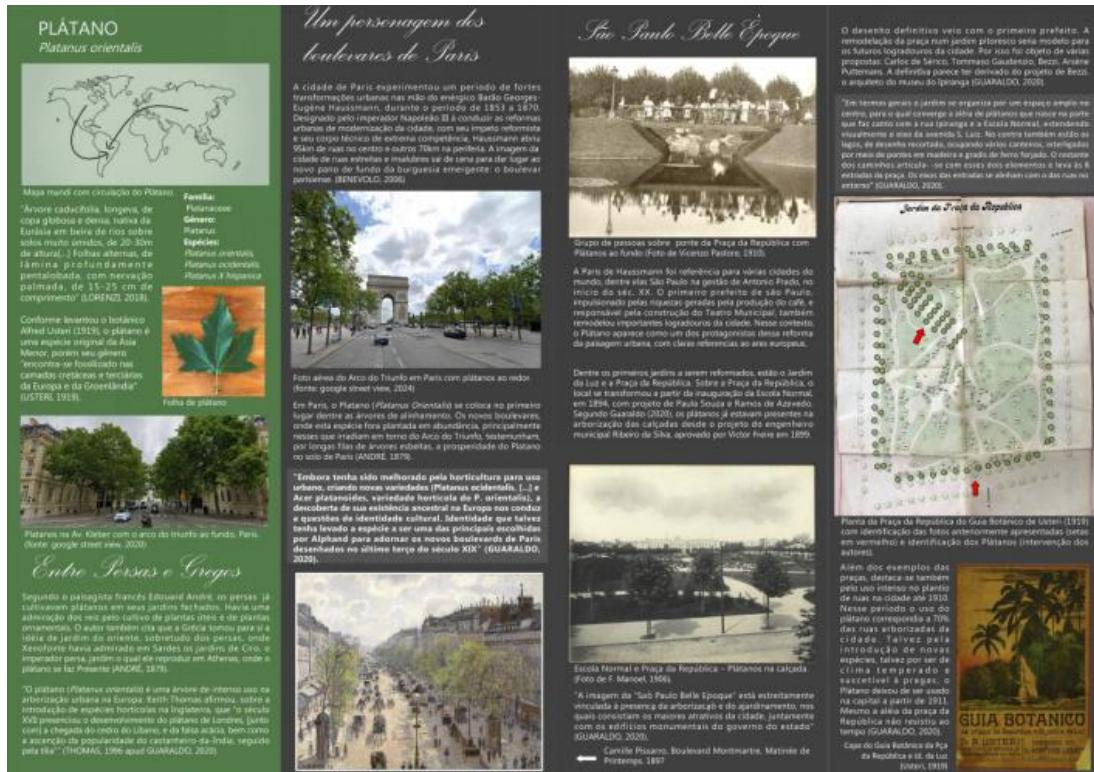
Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes

Technical and Scientific Journal Green Cities

ISSN 2317-8604 Suporte Online / Online Support

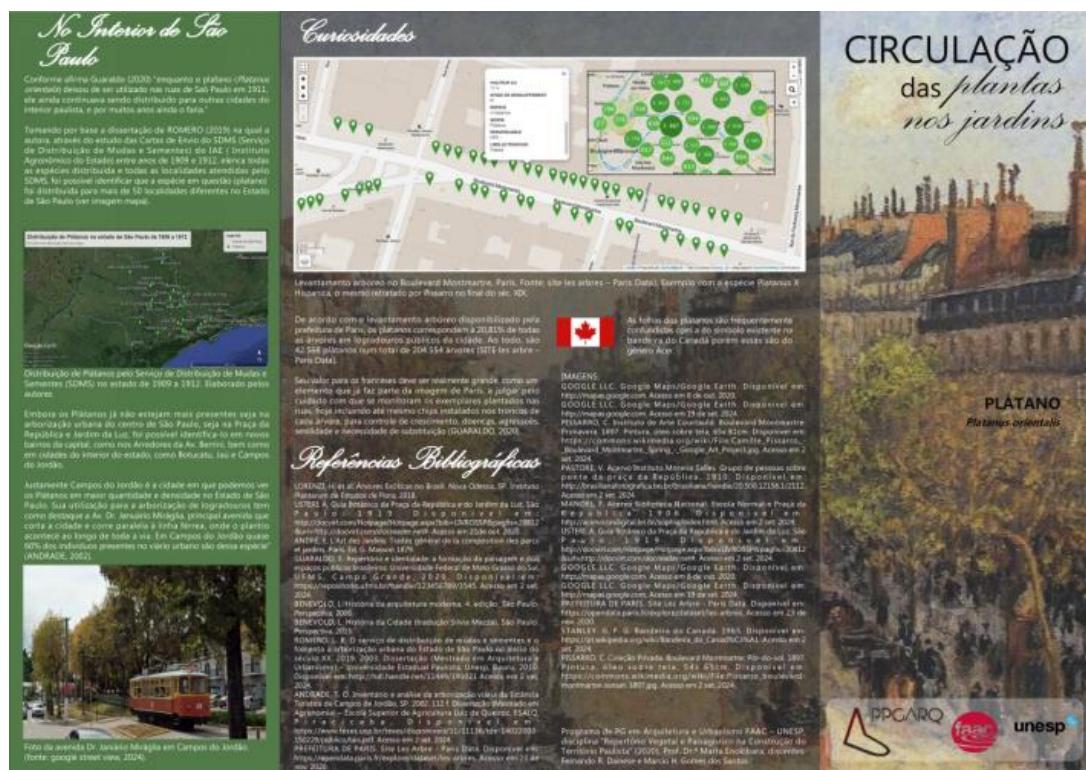
Edição em Português e Inglês / Edition in Portuguese and English - Vol. 13, N. 41, 2025

Figura 3 – Folder do Plátano (*Platanus orientalis*) - interno



Fonte: Daindese, Santos (2020).

Figura 4. Folder do Plátano (*Platanus orientalis*) - externo



Fonte: Daindese, Santos (2020).



4.1.3 Folder Ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*)

O folder do Ipê-roxo foi elaborado em 2023 pela aluna Sofia Silva Agustinho e, assim como os demais, é constituído por seções para guiar a leitura em temáticas. O Ipê-roxo é originalmente nativo do México até a Argentina, compreendendo, também, todo território brasileiro. No Brasil, a espécie pertence aos domínios fitogeográficos da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Carvalho, 2003; Gentry, 1992).

O naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) foi o primeiro a descrever a espécie, porém sem publicar sua identificação oficialmente. A primeira publicação oficial da espécie foi realizada em 1845, pelo botânico suíço Augustin Pyrame de Candolle (1778-1841) (Candolle, 1845) (Figura 5).

Na disciplina no ano de 2023, foram selecionadas espécies que igualmente ocorrem na América do Sul, em países vizinhos ao Brasil. Assim, além do Rio de Janeiro (Jardim Botânico) e São Paulo (Parque do Ibirapuera), também foi identificada a localização do Ipê-roxo em Buenos Aires (Jardim Botânico). Curiosamente, e isso demonstra realmente sua inserção em todos os biomas, a espécie consta em um dos jardins de Burle Marx no Recife (Praça Euclides da Cunha), como será exposto na sequência.

No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a primeira identificação encontrada do *Handroanthus impetiginosus* foi em 1952, mencionada no volume XII dos Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que trazem uma descrição botânica do Ipê-roxo incorporado ao Herbário (Ministério da Agricultura, 1952). Posteriormente, a espécie é mencionada no *Index Seminum* e consta na Revista Rodriguésia de 1960/61. Recentemente, nove Ipês-roxo aparecem identificados na publicação “*Bignoniaceae*” de 2019 (Figura 5).

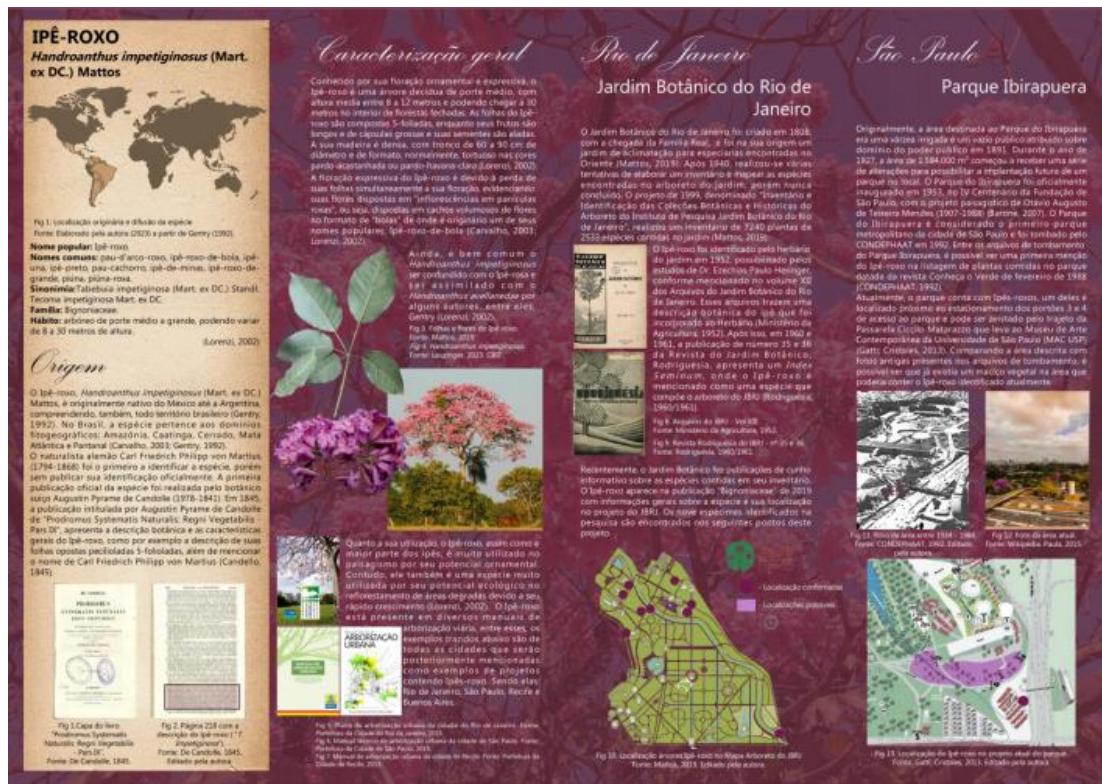
Em São Paulo, entre os arquivos de tombamento do Parque Ibirapuera, é possível ver uma primeira menção do Ipê-roxo na listagem de plantas contidas no parque na revista “Conheça o Verde”, de fevereiro de 1988 (CONDEPHAAT, 1992). Atualmente, o Ipê-roxo mais notável está localizado próximo ao estacionamento dos portões 3 e 4 de acesso ao parque, e pode ser avistado pelo trajeto da Passarela Ciccillo Matarazzo que leva ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (Gatti; Cristales, 2013) (Figura 5).

No Recife, a espécie foi escolhida por Roberto Burle Marx para a composição vegetal do projeto da Praça Euclides da Cunha. A praça de 1935 tem a proposta de evidenciar a paisagem característica do sertão nordestino e do domínio fitogeográfico da Caatinga com um viés ecológico, segundo Burle Marx. Na identificação taxonômica dos espécimes presentes nos croquis de Burle Marx e em fotos do período entre 1930 e 1940 realizados por Silva (2017), o Ipê-roxo aparece como parte da paleta vegetal histórica da praça, e também é identificado como uma espécie pertencente aos domínios fitogeográficos da “Caatinga, Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal” (Silva, 2017). Em 2015, Silva (2020) mapeou a vegetação existente na Praça Euclides da Cunha doze anos após a reforma e, na nova planta, os Ipês-roxos aparecem em diversos pontos da praça (Figura 6).

O Jardim Botânico “Carlos Thays” de Buenos Aires foi inaugurado em 1898 e foi projetado pelo paisagista francês Jules Charles Thays (1849-1934), mais conhecido como “Carlos Thays”. Em 1910, Carlos Thays publicou o livro “*El Jardín Botánico de Buenos Aires*” com a

identificação das espécies presentes em seu período inicial. Na publicação, não há menções de Ipês-roxos, somente de espécies de Ipês-amarelos (Thays, 1910). Contudo, em 2006, é publicado pela “Red Argentina de Jardines Botánicos”, um *Index Seminum* das espécies do Jardim Botânico “Carlos Thays” com a identificação do Ipê-roxo (Molina et al., 2006) (Figura 6).

Figura 5 – Folder do Ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*) - interno



Fonte: Agustinho (2023).



Figura 5 – Folder do Ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*) - externo



Fonte: Agustinho (2023).

4.2. A Exposição dos Folders

Os folders elaborados na disciplina foram impressos e expostos na Biblioteca da UNESP - Bauru, um local de grande circulação e visibilidade, o que garantiu um amplo alcance do público acadêmico e da comunidade local ao conteúdo levantado durante a disciplina. A exposição foi intitulada “Circulação das Plantas nos Jardins” e ocorreu nos anos de 2018 e 2023. No ano de 2020, as aulas foram remotas em função da pandemia Covid-19 e não ocorreu a exposição.

4.3. O Programa “Sala de Aula na TV” (TV UNESP)

Em função da pandemia Covid-19, a TV Unesp lançou a proposta do Programa “Sala de Aula na TV”, que teve como intuito a divulgação da produção acadêmica de alunos da pós-graduação e da graduação. Alguns trabalhos da disciplina referentes aos anos de 2018 e 2020 participaram do programa e podem ser vistos no site do Youtube da TV Unesp: <https://tv.unesp.br/saladeaula>

A participação no Programa visou disponibilizar, em linguagem simples, o conteúdo dos folders. O programa possibilitou a disseminação das informações encontradas para um público ainda mais amplo. O programa incluiu, entre outros, a Palmeira imperial e o Plátano, aqui abordados, e esperamos que em 2025 possamos dar continuidade para incluir, também, o Ipê-roxo.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os folders se mostraram eficientes como ferramentas educacionais de síntese do trabalho dos alunos e como objetos de divulgação do conhecimento adquirido em sala de aula ao público em geral e da faculdade através da Exposição e da apresentação no Programa Sala de Aula na TV, da TV Unesp. A divulgação dos folders e do conteúdo da disciplina são relevantes para conscientizar o público sobre a importância da conservação e da realização de um inventário do patrimônio histórico vegetal. Através de projetos educativos e iniciativas científicas, tais como a relatada neste trabalho, almeja-se primeiramente sensibilizar a comunidade de nosso patrimônio natural e cultural e, posteriormente, promover uma maior conscientização sobre o repertório vegetal presente nos espaços urbanos, estimulando, assim, uma maior preservação dos jardins e da arborização viária, visando a defesa do nosso patrimônio paisagístico e cultural.

Apesar do mesmo objetivo e metodologia, cada folder realizado na disciplina ofereceu uma abordagem distinta e única, refletindo as especificações da espécie analisada e da trajetória realizada por ela na paisagem. Os exemplos abordados foram selecionados por representarem momentos distintos. O folder da Palmeira imperial refere-se a um período de constituição dos jardins botânicos principalmente após a vinda da família real ao Brasil em 1808. O interesse era a aclimatação de especiarias e outras plantas exóticas. O folder do Plátano evidencia um período também de interesse pela aclimatação de espécies exóticas, mas aquelas voltadas para as preocupações de cunho sanitário e de “embelezamento”. A referência, na época, eram as grandes transformações empregadas em Paris, em meados do século XIX. Já o folder do Ipê-roxo enfatiza um momento de valorização das espécies nativas, tendo como um dos principais expoentes, os jardins projetados por Roberto Burle Marx. Juntos, cada folder realizado na disciplina oferece uma visão sobre a diversidade vegetal e cultural de nossos jardins, bem como a importância de preservá-los, pois, como procurou-se evidenciar, são testemunhos de nossa história.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os alunos que participaram no desenvolvimento dos trabalhos na disciplina no ano de 2018, 2020, 2023 e agora em 2024. Agradecemos igualmente a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelas bolsas e apoio financeiro concedido desde 2006.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONINI, L. T. **Repertório vegetal nos catálogos de plantas do início do século XX em São Paulo:** os catálogos das firmas Estabelecimento Floricultura e Dierberger & Cia. (1924 a 1928). 2019. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2019. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 18/06798-8).



Edição em Português e Inglês / Edition in Portuguese and English - Vol. 13, N. 41, 2025

ARAÚJO, J. S. P.; SILVA, Ângelo M. S. A palmeira imperial: da introdução no Brasil-colônia às doenças e pragas no século XXI. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 1, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000100011. Acesso em: 3 out. 2018.

CANDOLLE, A. P. de. **Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis**: pars IX. Paris, 1845. Disponível em: <https://bibdigital.rjb.csic.es/idurl/1/14916>. Acesso em: 18 nov. 2023.

CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**: vol. 1. Brasília, DF: Embrapa Florestas, 2003.

CONDEPHAAT. **Processo 2567-87**: Processo de tombamento do Parque do Ibirapuera. São Paulo: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - CONDEPHAAT, 25 jan. 1992. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

D'ELBOUX, R. M. M. Uma promenade nos trópicos: os barões do café sob as palmeiras-imperiais, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. sér., v. 14, n. 2, p. 193-250, jul.-dez. 2006.

D'ELBOUX, R. M. M. Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. **Os melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City**: ações interligadas. 2015. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, São Paulo, 2015.

DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOURADO, G. M. **Belle Époque dos jardins**. São Paulo: SENAC, 2011.

ENOKIBARA, M. Para ler, entender e divulgar um jardim: O “Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz” (1919). **Anales del IAA**, 2022, v. 52, n. 1, p. 1-18. Disponível em: <http://www.iaa.fadu.uba.ar/ojs/index.php/anales/article/view/431/705>.

ENOKIBARA, M. Organizações Dierberger (1893-1940). **Paisagem e Ambiente**, n. 38, p.35-54, 2016a. DOI:10.11606/issn.2359-5361.v0i38p35-54

ENOKIBARA, M. As Ciências naturais e a arte dos jardins no Brasil (século XIX). In: FONTES, M. S .G. C.; FARIA, O. B.; SALCEDO, R. F. B. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo**: Fundamentação teórica e métodos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016b, p. 87-106.

GATTI, J.; CRISTALES, P. **Mapa 2**: jardins históricos, avifauna e flora do parque. São Paulo: Arquivo Ibirapuera e Parques Urbanos, 2013. Disponível em: <https://ibirapuera.org/parque-ibirapuera/mapas-do-parque-ibirapuera/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GENTRY, A. H. Bignonaceae: Part II (Tribe Tecomeae). Nova York: The New York Botanical Garden, v. 25, n. 2, p. 145-200, 1992.

GOMES, P. L. **A atuação das firmas Dierberger no interior paulista**: cidade de Rio Claro. 2021. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2021. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 19/21679-8).

GONÇALVES, M. P. Alberto Löfgren e o estudo sobre as “Plantas exóticas introduzidas no estado de São Paulo. 2014. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2014. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2013/13544-9).

GUARALDO, E. **Repertório e identidade**: espaços públicos em São Paulo, 1890-1930. 2002. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, São Paulo, 2002.

GUARALDO, E. **Repertório e identidade**: a formação da paisagem e dos espaços públicos brasileiros. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campo Grande, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3545>. Acesso em 2 set. 2024.



Edição em Português e Inglês / Edition in Portuguese and English - Vol. 13, N. 41, 2025

INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. **Sobre a palmeira imperial.** Disponível em: <http://jbrj.gov.br/jardim/plantas?id=273>. Acesso em: 3 out. 2018.

LÖEFGREN, A. **Notas sobre as plantas exóticas introduzidas no Estado de S. Paulo.** São Paulo: Editora da "Revista Agrícola", Typ. Brazil, Carlos Gerke & Rothschild, 1906.

MACHADO, G. C. M. **Dierberger Arquitectura Paisagistica Ltda.** – Ensaio de Catalogação. 2009. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2009. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2008/54781-5).

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Fundação Biblioteca Nacional. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro:** vol. XII. Rio de Janeiro, 1952. Disponível em: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per065170/per065170_1952_12.pdf. Acesso em: 18 nov. 2023.

MODESTO, A. P. S. **O Estado e a iniciativa privada na divulgação de um repertório vegetal no Oeste Paulista: o papel do Instituto Agronômico do Estado (1911 a 1912).** 2012. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2012. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2011/07700-2).

MOLINA, A. M. et al. Red Argentina de Jardines Botánicos (RAJB): Plan de acción. In: CONFERÊNCIA XXXI JORNADAS ARGENTINAS DE BOTÂNICA, 31., 2006, Buenos Aires. **Anais.** Buenos Aires: Red Argentina de Jardines Botánicos, janeiro de 2006. Disponível em: <https://encurtador.com.br/clrCG>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec; Editora Polis, 1984.

MORYAMA, C. S. **O curso profissionalizante de agricultura da Escola Prática Luiz de Queiroz – Ensaio de Catalogação.** 2011. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2011. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2010/16871-2).

OLIVEIRA, M. T. **Repertório vegetal nos catálogos de plantas do início do século XX em São Paulo:** os catálogos do Estabelecimento Floricultura (1905 a 1919). 2019. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2019. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 18/06797-1).

PREFEITURA DE PARIS. Site Les Arbre - Paris Data. Disponível em: <https://opendata.paris.fr/explore/dataset/les-arbres>. Acesso em 23 de nov. 2020.

RETTO JR, A. S.; ENOKIBARA, M.; CONSTANTINO, N. R. T. **The theoretical and technical knowledge on the configuration and reconfiguration of the cities emerged from the opening of pioneer zones in the West of São Paulo - Brazil.** In: 15th International Planning History Society – IPHS. São Paulo: FAU-USP, 2012, p. 1-17.

RETTO JR, A. S.; ENOKIBARA, M. **The grid and its variations on the extensive occupation of the west of São Paulo state:** a comparative study on the four railroads. In: 15th International Planning History Society – IPHS. São Paulo: FAU-USP, 2012, p. 1-12.

ROMERO, L. B. **O Estado e a iniciativa privada na divulgação de um repertório vegetal no Oeste Paulista:** o papel do Instituto Agronômico do Estado (1910 a 1911). 2012. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2012. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2011/07625-0).

ROMERO, L. B.; ENOKIBARA, M. Campos de experiência e demonstração do Estado de São Paulo resgate documental nos relatórios da Secretaria da Agricultura (1899-1914). (2018a). **Revista Nacional De Gerenciamento De Cidades**, v. 6, n. 44. <https://doi.org/10.17271/2318847264420181907>.

ROMERO, L. B.; ENOKIBARA, M. Repertório vegetal da arborização urbana do Estado de São Paulo no início do Século XX. (2018b). **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 6, n. 39. <https://doi.org/10.17271/2318847263920181786>.



ROMERO, L. B. **O serviço de distribuição de mudas e sementes e o fomento à arborização urbana do Estado de São Paulo no início do século XX.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/191021> Acesso em 2 set. 2024.

SANTOS, L. M. **A atuação das firmas Dierberger na capital paulista:** região ao sul da Avenida Paulista. 2020. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2020. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 19/21676-9).

SAVIO, G. M. B. **A atuação das firmas Dierberger na capital paulista:** região ao norte da Avenida Paulista. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2020. Orientadora: Marta Enokibara. 2020 (Processo FAPESP nº 19/21678-1).

SCHLEE, M. B. O passeio público do Rio de Janeiro. **Vitruvius Resenhas Online**, ano 5, abr. 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.052/3141>. Acesso em: 24 out. 2018.

SILVA, A. G.; ENOKIBARA, M. Do pátio do mercado (1899) ao jardim público de São Manuel (1929): transformações e permanências. 2020. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 8, n. 62, p. 1-15. <https://doi.org/10.17271/2318847286220202478>.

SILVA, A. G. **Jardim público de São Manuel:** formação, transformações e permanências. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216051>. Acesso em 2 set. 2024.

SILVA, A. G.; ANGÉLICO, T. S.; SEAWRIGHT, A. M. G.; ENOKIBARA, M. Public garden of São Manuel: a comparative study of the arboreal species from the project by Reynaldo Dierberger (1928) and nowadays (2022). 2022. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 10, n. 81. <https://doi.org/10.17271/23188472108120223401>.

SILVA, J. M. da. **Integridade visual nos monumentos vivos:** os jardins históricos de Roberto Burle Marx. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29428>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVA, J. M. O restauro da Praça Euclides da Cunha: a paisagem sertaneja de volta ao jardim. **Patrimônio e Memória**, v. 16, n. 2, p. 221–243, 2020. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/903>. Acesso em: 18 nov. 2023.

THAYS, C. **El Jardín Botánico de Buenos Aires.** Buenos Aires: Casa Editora de Jacobo Peuser, 1910.

TISEO, J.R. **Frederico Carlos Hoehne e o Horto Oswaldo Cruz (1917-1924).** 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2023.

USTERI, A. **Guia botânico da Praça da República e do Jardim da Luz.** São Paulo, 1919. Disponível em: <http://docvirt.com/Hotpage/Hotpage.aspx?bib=LIVROSSP&pagfis=20812&url=http://docvirt.com/doceader.net#>. Acesso em 21 de out. 2020.

SIGUEMOTO, L. S. **O Curso de engenheiros agrônomos da Escola Politécnica de São Paulo** – Ensaio de Catalogação. 2011. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2011. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2010/16870-6).

YENDO, J. **O Estado e a iniciativa privada na divulgação de um repertório vegetal no Oeste Paulista:** o papel do Instituto Agronômico do Estado. 2011. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2011. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2010/16872-9).

ZECHINATO, B. P. **O Instituto Agronômico do Estado e o repertório vegetal nas cidades do Oeste Paulista no início do século XX.** 2008. Relatório final (Iniciação Científica) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2008. Orientadora: Marta Enokibara (Processo FAPESP nº 2007/55605-3).